

EDUCAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA: CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO AO ENFRENTAMENTO DOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TDAH E DI EM AULAS REMOTAS

¹Jennifer Vale Brandalezi

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Barcelona/SP, Universidade Municipal de São Caetano do Sul
– USCS. jennifer.vale.psico@outlook.com

RESUMO

Esse trabalho visa conhecer e compreender a contribuição da atividade musical como elemento associado ao ensino, para o incremento do desenvolvimento cognitivo e como facilitador no trabalho pedagógico perante o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Deficiência Intelectual (D.I) no período de escolarização do Ensino Médio, considerando-se a pluralidade de características dos indivíduos e suas respostas ao processo de aprendizagem, especialmente diante das aulas remotas. A adolescência é compreendida como o período do entender e conhecer-se em meio a anseios e angústias e os problemas de aprendizagem podem gerar angústias tanto nos alunos, como nos professores, interferindo em sua qualidade de vida. A fundamentação teórica baseia-se principalmente em Paulo Freire (1986), Edgar Morin (2000), Howard Gardner (1995), Erik Erikson (1998), Muszkat (2012). A pergunta que move essa pesquisa é: em que medida as atividades musicais podem servir como elemento facilitador para alunos do Ensino Médio com problemas de aprendizagem, especialmente em tempos de ensino remoto? A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, buscando-se artigos científicos, livros, dissertações e teses publicados entre 2009 e 2019, que ajudem a elucidar a questão.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade de Vida; Problemas de Aprendizagem; Aulas remotas; Música no Ensino Médio.

1 INTRODUÇÃO

No desenvolvimento humano, podemos observar as fases da infância, adolescência, idade adulta e velhice. Nesses períodos há particularidades específicas, como mudanças fisiológicas, motoras e intelectuais peculiares a cada idade.

A infância caracteriza-se pela dominância da dependência das figuras parentais, como o desenvolvimento inicial da linguagem, afetividade, socialização e intelectualidade. A idade adulta movimenta-se em torno da independência, em todas as suas esferas, buscando-se sempre o desenvolvimento intelectual, financeiro e profissional. A meia idade busca sabedoria em torno dos múltiplos papéis: ser mãe, ser filha e cuidadora dos pais. Há a revisão da vida pessoal e profissional, além de tensões e expectativas que marcam essa etapa.

A adolescência, em específico, é caracterizada por conflitos e mudanças extremas por estar entre dois polos: o da infância e o da idade adulta, sendo a fase em que o indivíduo passa por mudanças físicas e hormonais, as quais levam à perda do corpo da infância e o aproximam da vida adulta, com ganho de massa muscular, estatura e peso e de desejo sexual. A problemática se dá a partir de tais mudanças, onde a necessidade de identificação com algum grupo permeia as decisões na adolescência, trazendo consigo ganhos ou perdas. O pensamento moral e reflexivo começa a se moldar, dando início à tomada de decisões direcionadas à profissão, relacionamentos e família.

Esse processo ocorre em sua maior parte no âmbito escolar, em que o aluno constrói relações para fora do âmbito familiar. O educando amplia suas esferas cognitivas, emocionais, sociais e físicas. Esse período caracterizado por grandes transformações carrega consigo problemáticas, sejam elas no âmbito familiar, coletivo ou individual.

Segundo Carraro (2015, p. 114), o adolescente no contexto escolar é instigado continuamente, por fatores diversos. Dessa forma:

(...) a motivação acadêmica, os estilos parentais¹, a etnicidade, a condição socioeconômica e a qualidade da escolarização influenciam o desempenho educacional. As crenças de auto-eficácia e as atitudes dos pais e dos amigos podem influenciar a motivação para o processo escolar. Famílias pobres, cujos filhos se saem bem na escola tendem a ter mais capital social² do que famílias pobres cujos filhos não se saem bem. As aspirações educacionais e vocacionais são influenciadas por diversos fatores, entre os quais o encorajamento dos pais e os estereótipos de gênero.

É importante a reflexão em torno dos desafios, os quais são decorrentes do período, e o ambiente, no qual o educando está inserido. Os conflitos existentes na esfera do aluno, refletem-se em seu comportamento e desempenho escolar. O termo fracasso escolar vem sendo utilizado constantemente para identificar problemáticas comuns e coletivas dos alunos, como por exemplo, mau desempenho escolar, comportamentos inadequados entre outras coisas, as quais merecem a devida atenção; tais problemáticas se refletem nas vivências dos educandos, assim, conseqüentemente, é importante que não sejam rotuladas.

As atividades musicais podem servir como forma de estimulação do desenvolver sensorio-cognitivo e social nas esferas escolares atuais para alunos do Ensino Médio com problemas de aprendizagem.

2 MATERIAS E MÉTODOS

Nesse estudo, o objetivo é compreender em que medida as vivências musicais lúdicas contribuem para o desenvolvimento cognitivo durante o ensino-aprendizagem com pessoas com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Deficiência Intelectual (D.I).

Foi utilizado a pesquisa bibliográfica e documental. Consulta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), Catálogo Coletivo das Bibliotecas da USP (DEDALUS) e Associação Brasileira de Psicologia Escolar (ABRAPEE) com o objetivo de conhecer as características do processo de aprendizagem na adolescência.

Conhecer as publicações da revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) no que se referem às questões musicais lúdicas com estudantes do Ensino Médio com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Deficiência Intelectual (D.I). Buscar publicações acadêmicas de 2009 a 2019 sobre as dificuldades dos alunos do Ensino Médio com transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Deficiência Intelectual (D.I) mediante as aulas remotas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As dificuldades de aprendizagem³ (DA) e transtornos de aprendizagem⁴ (TA) estão presentes em todas as escolas, sejam por fatores genéticos, individuais ou coletivos.

¹ Os estilos parentais são um conjunto de práticas direcionadas aos cuidados, ensinamentos e controle dos filhos, utilizadas pelas figuras parentais.

² Na sociologia o termo capital social está ligado ao valor adquirido por meio das relações sociais, o que propicia um desenvolvimento relacional saudável, contribuindo para o crescimento individual e coletivo.

³ Dificuldade de aprendizagem (DA) está relacionado à problemas de ordem, muitas vezes, exterior, como por exemplo, a cultura, a qual pode contribuir para a construção de barreiras em torno do saber.

⁴ Transtorno de aprendizagem (TA) está ligado a fatores de ordem cognitiva ou motora que possam interferir no processo de aprendizagem.

Batista e Pestun (2019, p. 2) trazem à tona a reflexão sobre as variáveis socioculturais e a ideia, de que há a culpabilização, por parte dos educadores, do fracasso escolar do aluno, ignorando seu modelo pedagógico de ensino; eles afirmam que:

Em ambos os casos, DA ou TA, as variáveis socioculturais que contribuem para o fracasso escolar dos aprendizes estão relacionadas não somente a um sistema socioeconômico desigual, mas à displicência docente em relação à sua prática educativa. É recorrente um discurso de culpabilizar o aprendiz. Diante do insucesso do aprendiz, o professor tende a se isentar de sua responsabilidade ao atribuir a variáveis externas ao processo de ensino-aprendizagem a causa pelo fracasso do aluno. Há uma dificuldade em identificar, analisar e modificar as ações metodológicas e sociais em sala visando promover a aprendizagem de competências acadêmicas e de cidadania.

É importante compreender que, atualmente, em pleno século XXI, há a prevalência de padrões de comportamento e saberes, os quais guiam o ensino em sua desigualdade com o objetivo do fortalecimento da hierarquia atual, onde, para o sistema capitalista sobreviver, o saber deve estar concentrado no topo e, conseqüentemente as demais áreas da pirâmide serão submetidas a padrões que serão reforçados, como por exemplo, a estigmatização de alunos com transtorno, o preconceito de classes baixas entre outros fatores. Assim, os métodos pedagógicos pensados por diversos educadores, como, por exemplo, a ideia das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner (1995) é essencial para o desenvolvimento do educando.

Dentre essas propostas, Lopes e Rossato (2018) elaboram conceitos como: “ações e relações pedagógicas” e “ações e relações aprendentes”, onde, respectivamente, as ações e relações pedagógicas incluem o dinamismo aluno-professor, considerando sua subjetividade. As ações e relações aprendentes, utilizam a subjetividade como ferramenta possibilitadora do aprender. Silva (2013) aborda as dificuldades de aprendizagem, como, dificuldade não do aluno e sim de um processo, o qual inclui a equipe pedagógica. A queixa escolar se tornou um hábito de equívocos, que exclui o fracasso da instituição, à qual pertence o processo educacional. Desse modo:

É fato que algumas crianças podem apresentar baixo rendimento ou passar por situações embaraçosas em seu processo de aprendizagem. Não é objetivo dessa pesquisa fazer essa discussão, mas é importante mencionar a existência de casos de encaminhamentos de crianças, embasados em equivocadas concepções de aprendizagem e que, vistos sob perspectivas teóricas diferenciadas, poderiam ser resolvidos na própria sala de aula, ou no âmbito do contexto escolar. Isso evitaria o desgaste tanto para as crianças, quanto para as famílias, quando orientados a buscar soluções médicas para as questões verdadeiramente escolares. (SILVA, 2013, p.45).

Para entender a relação entre fracasso escolar e dificuldades de aprendizagem é essencial considerar o meio, em que vivemos. Estamos no século XXI, onde há a superestimação da, então considerada “Era Digital”. Crianças, jovens e adultos a todo instante estão se moldando em torno de um novo sistema, especialmente agora em tempos de pandemia e de ensino remoto. Os estímulos estão presentes em todos os meios, sejam eles de lazer ou estudo. O jovem, estudante, seja do Ensino Médio, ou em cursos preparatórios, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Escolas Técnicas Estaduais (ETECs), entre outros, em muitos casos está conciliando os estudos, junto à sua adolescência, com o mercado de trabalho, exigências familiares, socioeconômicas, entre outras coisas, o que exige adaptações fisiológicas e socioafetivas.

Esse cenário contribui para o desequilíbrio psíquico, o que, como consequência, pode gerar transtornos emocionais, comportamentais e alimentares. Segundo a “Folha informativa – Saúde mental dos adolescentes” (2018) da Organização Mundial de Saúde (OMS):

Alguns adolescentes estão em maior risco de problemas de saúde mental devido às suas condições de vida, estigma, discriminação ou exclusão, além de falta de acesso a serviços e apoio de qualidade. Estes incluem adolescentes que vivem em ambientes frágeis e com crises humanitárias; adolescentes com doenças crônicas, transtorno do espectro autista, incapacidade intelectual ou outra condição neurológica; adolescentes grávidas, pais adolescentes ou aqueles em casamentos precoces e/ou forçados; órfãos; e adolescentes que fazem parte de minorias étnicas ou sexuais ou outros grupos discriminados. Os adolescentes com condições de saúde mental são, por sua vez, particularmente vulneráveis à exclusão social, discriminação, estigma (afetando a prontidão para procurar ajuda), dificuldades no aprendizado, comportamentos de risco, problemas de saúde física

O Ensino Médio é marcado pela estruturação intrapsíquica e interpessoal do educando diante das diversidades, saberes e valores que se formam frente às mudanças fisiológicas, comportamentais e ambientais; as quais o adolescente perpassa como consequência de seu desenvolvimento e a tomada de saberes e reflexões, ganhando forma na constituição de pensares e valores.

O ensino nessa fase, assim como no Ensino Fundamental, caracteriza-se pelos processos de aprendizagem em torno de um indivíduo no coletivo e individualmente; constituindo-o em seu desenvolvimento, a partir de valores de uma sociedade. É importante a compreensão do agir pedagógico sobre o aluno e as ferramentas utilizadas para auxiliá-lo em suas particularidades durante o Ensino Médio.

O diagnóstico interdisciplinar é importante para calcular minuciosamente a intervenção que será realizada, pois o diagnóstico precoce ou realizado de forma irregular, pode comprometer o desenvolvimento da criança ou adolescente, delimitando o seu caminho, devido aos estigmas existentes por parte da equipe pedagógica ao tratar o indivíduo de forma diferenciada, como por exemplo, a atribuição de atividades distintas, muitas vezes isolando-o do grupo. Para que essa relação seja saudável é importante ressaltar o comprometimento ético da instituição e de igualdade, onde, independente de algum transtorno ou problemática, haja isenção no trabalho realizado. Dessa forma, a pesquisadora traz à tona a carência institucional:

(...) observamos que a tarefa diagnóstica, tanto a nível institucional como privado, carece de operatividade, transformando-se muitas vezes em um oráculo que determina discriminatoriamente o futuro intelectual de uma criança, quando não em um calmante de ansiedades e em disfarce de ineficiência de certos profissionais e docentes, a partir da pseudotranquilidade que outorgam os rótulos do tipo: “debilidade mental”, “problema de aprendizagem de ordem orgânica”, “hipercinesia” etc. Ainda no melhor dos casos pode chegar a transformar-se em mais uma marca, para um indivíduo a quem permanentemente se examina, se mede, e a quem poucos escutam. (FERNÁNDEZ, 1991, p. 12).

Segundo Batista e Pestun no artigo “O Modelo RTI como estratégia de prevenção aos transtornos de aprendizagem” (p. 2) se o aluno está apresentando comportamentos, os quais exigem uma intervenção, primeiro devemos compreender a origem do problema, promovendo medidas para minimizar a problemática logo de início, pois na infância, por conta do nível da neuroplasticidade ser mais rápida e eficaz, a adaptação funcional e estrutural ocorrerá com mais chances de sucesso.

Machado, et. al. (2005) trazem em seu livro reflexões em torno da inclusão, e como esse agir paradoxalmente tornar-se numa ferramenta de exclusão. Os autores ressaltam a construção de um projeto inclusivo terapêutico, onde se utilizará de questões éticas, de direitos humanos e da cidadania para guiar as famílias e as crianças. Esse projeto tem como objetivo unir a saúde à educação, onde ambas são necessárias para contribuição de um desenvolvimento saudável diante das famílias.

Pessoas que apresentam problemas, sejam eles de ordem cognitiva, física ou social, utilizam do ambiente educacional, o qual é um espaço coletivo, para externalizar suas vivências; dessa forma a capacitação dos profissionais é essencial para compreender o indivíduo em sua subjetividade, desenvolvendo junto a ele suas problemáticas e, conseqüentemente, a inclusão poderá ocorrer de forma eficaz. Desse modo:

Qual é o problema mais complexo que enfrentamos hoje? É um problema que, inicialmente, não era de inclusão, mas que acabou vindo para a inclusão. Não é daqueles que estão fora e você quer incluir. São os casos em que a escola tem um momento de recusa e de rejeição, que precisa ter apoio para que tais crianças ou adolescentes não sejam expulsos. São os casos onde a escola não está aguentando mais e quer mandar esses alunos embora. São os casos de violência e os casos de agressividade. A equipe de apoio à inclusão é chamada para evitar uma exclusão. Hoje em dia o pessoal fala: “O difícil é trabalhar com aquelas crianças que estão na escola, cujo pai é presidiário, a mãe é consumidora de crack, a criança apanha, chega na escola e bate em todo mundo, briga e não aprende nada...” Acende a luz vermelha: se a expulsarmos podemos nunca mais resgatá-la para uma vida social adequada. (MACHADO et. al., 2005, p. 96)

O Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (DI) é caracterizado por um atraso no desenvolvimento diante do esperado para uma faixa etária, ou seja, há uma regressão cognitiva ou motora, o que dificulta os inter-relacionamentos e o desenvolvimento escolar e familiar. Esses indivíduos possuem um nível de comportamento abaixo do esperado para sua idade cronológica, o que, como consequência gera dificuldades adaptativas, déficits de aquisições e principalmente, dificuldades em se relacionar. No ambiente escolar o indivíduo que apresentar DI requererá do educador acompanhamento constante para que seja possível desenvolver suas potencialidades. Há limitações claras, mas é essencial a adaptação da escola para que o aluno possa se desenvolver como os outros, num ambiente, no qual, sinta-se inserido, compreendendo suas limitações, e principalmente seu tempo. Nesse sentido, o aluno deve se sentir acolhido e ser estimulado para que desenvolva suas habilidades e não as internalize, por conta da insegurança e opressão que pode ocorrer em diversos âmbitos.

Os sentimentos de rejeição e insegurança permeiam o indivíduo com DI, pelo fato de não conseguir acompanhar sua turma. O não acompanhamento o torna diferente, em muitas vezes; o tentar realizar uma atividade de nível moderado e fracassar, por exemplo, gera reações de instabilidade. O não compreender dificulta o entendimento de regras, que para alunos com déficits intelectuais, podem ser consideradas abstratas para o entendimento imediato. Por isso, é importante que o educador desenvolva junto ao aluno, questões, como a existência de regras e sua utilidade, guiando-o em suas tarefas diárias, delimitando por meio da repetição o uso de tais regras, para que ganhem significado na vida do aluno e, assim, se consolide o aprendizado.

O sofrimento psíquico é externalizado, por exemplo, pela utilização do humor ou atos violentos como ferramenta para a aquisição, ou seja, esse comportamento tem como objetivo o preenchimento do prejuízo social que é causado por ambos os atos. As dificuldades em se relacionar, têm como causa e efeito os comportamentos impulsivos, que têm como objetivo a aproximação social.

O relacionamento familiar é importante para que o educando entenda seu déficit, mas não como uma limitação, e sim, como algo transformador. O diálogo com o indivíduo desde criança, faz, com que ele se adapte e compreenda sua singularidade, e o entendimento que o mundo tem sobre ele. Essa conversação contribui para o desenvolvimento positivo, desestigmatizando o olhar institucional, antes que essa criança ou adolescente seja inserida na escola.

As aulas remotas constituem-se num tema em alta durante a pandemia no século XXI, onde, por conta dos avanços da era digital é possível o ensino remoto, facilmente, de forma eficaz e sólida.

Como entender o dinamismo existente entre a metodologia pedagógica, a tecnologia, o meio e o educando? Bom, é importante pensar no ensino como uma ferramenta unificadora do saber, ou seja, independente do meio, seja ele presencial ou virtual, a transmissão do conhecimento é possível, dependendo apenas da relação existente entre os membros do grupo.

Há pesquisas que demonstram os malefícios dos equipamentos tecnológicos, com por exemplo, celulares, computadores e televisões em crianças e adolescentes. Queiroz (2020) em seu artigo, reuniu dados de diversos autores, os quais discorrem sobre o tema, concluindo que, o uso excessivo desses meios tem como consequência: comprometimento no desenvolvimento físico e mental, padrões de sono instáveis, riscos posturais e osteoarticulares, perda auditiva, atrasos expressivos na fala, baixo desempenho escolar, depressão, ansiedade, diminuição do hormônio do crescimento (HGH), baixa autoestima entre outras coisas.

De fato, nas fases do desenvolvimento, essencialmente no período da infância e adolescência, momento em que o sistema nervoso e corporal está em desenvolvimento constante, o comprometimento físico e mental, interrompe o processo de plasticidade cognitiva e o desenvolvimento físico, o que leva à regressão.

Então, como entender, um período, no qual a única forma de ensino exige a utilização dos meios tecnológicos?

Queiroz (2020) realiza uma revisão bibliográfica em torno das implicações para o desenvolvimento da criança e do adolescente diante do tempo de tela (TT). Através da revisão há uma análise de estratégias diante da qualidade de vida do indivíduo diante do COVID-19, o qual exigiu dos estudantes mais tempo em casa, consequentemente mais tempo diante televisores, computadores, celulares entre outros aparelhos.

A revisão bibliográfica mostrou o efeito do TT através de sintomas como: sonolência, depressão, ansiedade, alterações nutricionais (sopreso), diminuição de níveis de atividades físicas, resistência à insulina, diabetes tipo 2, riscos posturais e osteoarticulares, fototoxicidade, perda auditiva induzida por ruídos, atraso expressivo na fala em crianças, baixo desempenho escolar e problemas atencionais e comportamentais.

Esse estudo permite a reflexão em torno do uso excessivo diante do TT em crianças e adolescentes por estarem em uma fase de desenvolvimento cognitivo e físico, ou seja, as funções cognitivas comportamentais podem ser alteradas devido ao TT.

Portadores do TDAH e DI podem, em sua maioria recaírem diante desse ambiente, onde sintomas como falta de atenção e hiperatividade podem se agravar. É necessário um acompanhamento diário e uma estratégia de ensino para que todos possam vivenciar as aulas remotas de forma educativa, acolhedora e humanizada, respeitando as limitações através de estratégias diversificadas para cada aluno.

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) afeta em nosso cérebro dois circuitos; o circuito de recompensa e prazer e o circuito de controle de impulsos. Ambos os circuitos estão ligados à liberação de dopamina pelo córtex pré-frontal dorsolateral e o sistema límbico. O TDAH, como fonte de impulsividade, desestabiliza os circuitos cerebrais, o que eleva ou diminui drasticamente a liberação de dopamina no cérebro, como consequência, gerando desordem. O córtex pré-frontal dorsolateral é responsável pelo equilíbrio das ações e impulsos do indivíduo, selecionando o que é adequado.

No TDAH o córtex está desregulado, o que dificulta a seleção dos impulsos, gerando comportamentos desordenados, limitando a atenção. Em situações de alerta e prazer, o

portador de TDAH terá seu hiper foco ativado. Já em situações corriqueiras, haverá a desatenção.

De fato, as memórias, emoções e atenção, estão envolvidos no processo de interação entre o sistema límbico e o córtex pré-frontal dorsolateral. Para que as memórias se consolidem, é importante que haja uma carga emocional, o que estimula o sistema límbico pela liberação de dopamina e noradrenalina pelo sistema mesolímbico⁵ e pela habênula.⁶

O Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (DI) é caracterizado pelo déficit intelectual e adaptativo. Não há estudos, ao certo que delimitem a causa e sua neurofisiologia. Como elemento gerador, acredita-se que haja a influência ambiental e genética. O que se sabe é que há um comprometimento nas funções executivas cerebrais, que incluem: planejamento, controle, memória, percepção, raciocínio e concentração; e atraso no desenvolvimento motor fino (utilização de pequenos músculos, como o ato de pegar um objeto) e grosso (movimentos motores complexos). Há prejuízos nas funções intelectuais, por conta de alterações cerebrais.

Acredita-se que os neurônios estejam dispostos desorganizadamente, ou seja, as redes neuronais, ao invés de se constituírem, consolidando o aprendizado, estão dispostas, variando de localização. Como consequência, gera instabilidade neuronal, o que ocasiona desconforto no indivíduo e atrasos significativos, como na motricidade, autocuidado e aprendizagem.

A música é uma construção social, utilizada e vivenciada desde os primórdios, antes mesmo da linguagem verbal. O som e o batuque são utilizados para a identificação rítmica no dia a dia e, conseqüentemente para a comunicação.

Conforme Álvares (2016, p. 38) a música exerce uma função pedagógica frente os educandos, oferecendo um viés ampliador frente à sociedade. Para ele:

A percepção do som e a conseqüente reação a estímulos sonoros, musicais ou não, começam com o desenvolvimento embrionário, ainda na fase uterina, de nossas vidas. O processo de enculturação assegura que, bem cedo na vida, as crianças desenvolvam um conceito de música, apesar de vago, indefinido e não verbalizado. Tal conceito, evidentemente, reflete um viés cultural. Entretanto, a maioria dos indivíduos também reconhece como música os sons de outras culturas, por mais que estas possam parecer estranhas à sua própria cultura.

A estimulação musical é uma ferramenta capaz de proporcionar a amenização de déficits sintomáticos e assintomáticos como o TDAH e o DI, onde manifestam-se através de padrões comportamentais e subjetivos do indivíduo portador. A música é compreendida mundialmente, através de signos, sonoridade entre outros fatores que variam de cultura a cultura; significados são atribuídos ao que é escutado através da construção gradativa do conhecimento.

Santos, Silva, Leite e Bellardi (2018) desenvolvem a ideia dos níveis de desenvolvimento como algo individual e gradativo, onde o ensino deve acolher tais singularidades, trabalhando outras formas de desenvolvimento. Para o indivíduo detentor do TDAH o estabelecimento de uma rotina mediada facilita a construção de esquemas cognitivos através do treino e da repetição. Assim, explorar novos conhecimentos e interações tornam-se mais acessíveis através dos novos esquemas de equilíbrio.

Costa (2017) ressalta o desenvolvimento das potencialidades dos alunos e docentes diante a língua estrangeira, nesse caso o francês, através da música. O docente deve junto ao aluno utilizar-se da sensibilização como método de exploração do processo de ensino-aprendizado diante a narrativa individual de cada membro do grupo, unindo-se por meio

⁵ O sistema mesolímbico está ligado a regulação de recompensa e não recompensa.

⁶ A habênula é responsável pela regulação das vias motoras e emocional.

das canções coletivas, onde o docente utilizará da música como ferramenta didática, trazendo à tona as histórias e conhecimentos dos alunos e de seus docentes, através do compartilhamento. Quando o senso de identidade é estabelecido o ensino é direcionado para aquele grupo, através de uma linguagem própria. Costa ressalta a correlação entre linguística e música,

Quando ouvimos uma canção, podemos privilegiar um aspecto ou vários, e é esta liberdade que deveríamos deixar a nossos alunos, a de que descubram por si sós. Podemos propor-lhes alguns caminhos, deixando que escolham por onde e como desejam ir (p. 177).

A união do docente ao aluno, de forma igualitária é importante, desconsiderando a hierarquia, até então estabelecida para que de fato as histórias sejam escutadas e contadas através do lúdico ao mundo, concretizando o conhecimento e formulando o ensino didático.

Zachariadis (2008) trabalha o processo de ensino-aprendizagem da língua alemã através do despertar da sensibilidade musical, onde todo indivíduo é apto desde o nascer a estimulação cognitiva diante a música, o que favorece o interesse dos jovens à canção popular, que pode, através da sensibilidade, emoção e vivências motivar o indivíduo a aprender através da generalização dos estímulos. A língua alemã caracteriza-se pelos fonemas vocálicos distintos ao português, o que exige uma compreensão auditiva e oral diferente. Essa pesquisa trabalhou com quatro grupos, onde um representou o grupo controle; concluiu-se que os três grupos que foram apresentados às canções populares, aperfeiçoaram o aprendizado diante da língua alemã, enquanto o grupo controle não apresentou mudanças.

Nessa pesquisa é demonstrado o mapeamento cognitivo vivenciado ao escutar canções populares, onde o processo de generalização é destacado, pelo fato que mesmo inconsciente, pela familiaridade e motivação envolvido no processo de escuta, após a repetição das generalizações, ou seja, da música no sistema cognitivo, há a compreensão e a transformação em conceitos, ou seja, em conhecimento e crítica, consolidando-se.

A sensibilidade musical segundo Zampranha (2007) citado por Zachariadis ocorre em três etapas: intuitiva, afetiva e intelectual. O objetivo no processo de escuta musical é a criação de representações, significados e conceitos, assim,

Os benefícios musicais estendem-se desde a comunicação entre os bebês e as pessoas de seu convívio, a alegria das crianças em brincar com os sons, a afetividade preenchida dos jovens, as marcas de determinado indivíduo em uma situação, até a memorização de sons e palavras. A música é natural nos bebês, utilizada por eles nas vocalizações. A música preenche o espaço da afetividade tanto em cantigas para as crianças quanto em canções populares para os jovens. Os componentes musicais (ritmo, altura, timbre, dinâmica) estão presentes no discurso, e revelam os traços próprios de um indivíduo em dada situação (intenção de fala, sentimento) e em sua cultura (sistema linguístico, sistema musical próprios de uma cultura). A música auxilia a memória pela apreensão do ritmo e da melodia da palavra ouvida. Então cumpre definir o termo canção, porque é na canção que os traços musicais se unem mais explicitamente ao sistema linguístico. (p. 27)

A linguagem e a língua se complementam em seu significado e compreensão, igualando-se ao ensino e a música, onde quando trabalhamos juntos ampliam as possibilidades de aprendizado diante as potencialidades individuais, que são estimuladas.

Trabalhar com o ensino envolve desenvoltura para compreensão e entendimento das potencialidades genuínas do educando, desconstruindo os ideais do ensino tradicional através do vínculo coletivo necessário em sala de aula.

Martins (2014, p. 39) ressalta em seu estudo a importância da música como mediadora no processo de inclusão socioeducativa através da promoção de habilidades sociais como: responsabilidade, autocontrole, afetividade/cooperação, hiperatividade e

competências acadêmicas. Esses dados foram calculados através do Teste de Desempenho Escolar (TDE) aplicado em 80 alunos entre oito e doze anos, divididos em dois grupos de 40 alunos, no primeiro grupo houve estimulação musical, já no segundo grupo não houve estimulação.

Concluiu-se a eficácia da música como ferramenta didática, trabalhando as habilidades sociais junto ao desempenho acadêmico através da estimulação da memória, atenção, linguagem, motricidade, raciocínio lógico, pensamento social e espaço-tempo.

Liberman et. al. (2017, p.3) transcrevem sobre as práticas corporais e artísticas diante a aprendizagem inventiva⁷, experiência estética⁸ e o cuidado de si⁹, ambos concretizando-se diante o conhecimento e o sujeito no coletivo através da arte, assim

As experiências estéticas e os processos de criação são próprios da vida e dos corpos e podem acontecer nas situações cotidianas, mas nosso modo de existência produz distâncias entre o corpo e o que ele pode, sua potência e seus processos. O contato com as práticas artísticas e corporais recoloca o problema da aprendizagem sob a perspectiva da invenção. Aprender, portanto, é entrar em processo de transformação acompanhado, comprometido e implicado. Só posso conhecer aquilo que me afeta e com o que me relaciono. Aprender envolve a abertura às experiências estéticas e às práticas de si. Tomar a própria vida como algo a ser criado. Dobrar a força que incide sobre cada um produzindo sujeitos, para que seja possível viver, sentir e pensar de outra maneira.

A vivência se dá através dos sentidos, onde se dão através do corpo. A corporeidade leva ao indivíduo vivenciar o ensino-aprendizado de formas lúdicas através da memória auditiva, olfativa, visual e tátil. Tais memórias se concretizam diante do corpo através das experiências individuais de cada sujeito, estimular o indivíduo através dos cinco sentidos amplia a capacidade de reconhecimento e memorização levando ao aprendizado.

A base para que o ensino-aprendizado se fortaleça se estabelece, em sua maior parte nas relações grupais, onde no teatro e na música se apoiam para se desenvolverem através da identificação e acolhimento coletivo. Desse modo,

ouvir música ativa várias funções terapêuticas; auxilia no desenvolvimento de habilidades cognitivas como atenção e memória em curto prazo; acelera a aprendizagem de línguas estrangeiras em leitura e no aprendizado da matemática; ocorre o desenvolvendo de uma consciência individual de si mesmo e seu meio ambiente. A música fortalece a autoestima promovendo a expansão da comunicação verbal e habilidade não-verbal levando a melhoras nas habilidades sociais e a capacidade de expressar emoções (CARNEIRO, p. 36).

Qual a relação entre música, inteligência e criatividade? A inteligência, como a criatividade pode se expressar através da música, mas não são sinônimos. A criatividade não é inata, assim é possível desenvolvê-la. A valorização das potencialidades e diferenças individuais torna o indivíduo propício à sensibilização de determinadas áreas cerebrais, favorecendo através da estimulação precoce a aprendizagem, consequentemente desenvolvendo inteligências múltiplas¹⁰.

A relação entre música, inteligência e criatividade encontra-se no fato de a estimulação musical ativar grande parte das regiões cerebrais, como a amígdala (área responsável pelo processamento emocional no córtex); córtex visual durante a leitura musical; hipocampo (responsável pelas memórias) entre outras áreas que veremos a

⁷ Kastrup (2010) define aprendizagem inventiva como aquela que leva ao despertar e a criatividade, seja pelo estranhamento ou pelo senso de inovação diante uma nova situação.

⁸ Kastrup (2010) define experiência estética sendo vivências, as quais levam a dessensibilização através da carga emocional envolvida no processo.

⁹ Kastrup (2010) define cuidado de si como o conhecimento sob si.

¹⁰ Howard Gardner (1995) psicólogo cognitivo e educacional nos traz o conceito das inteligências múltiplas, onde cabe a nós detectá-las e desenvolvê-las de acordo com a estimulação exercida.

seguir. Essa estimulação leva à ativação de áreas, como por exemplo o hipocampo, onde no processo de aprendizagem é essencial para a retenção e consolidação da memória. Alunos com dificuldades e problemas de aprendizagem, além de déficits como o TDAH e DI, nas quais há áreas corticais envolvidas no processo, podem ser estimuladas e desenvolvidas através da estimulação musical.

A música vem sendo reconhecida pelo desenvolvimento que vem proporcionando aos indivíduos em suas diversas formas, estimulando cada indivíduo a partir de suas dificuldades e necessidades. A estimulação precoce é importante desde o desenvolvimento intrauterino com o objetivo de proporcionar, seja consciente ou inconscientemente o desenvolvimento do indivíduo, facilitando a adaptação futura frente a estímulos semelhantes.

A sensibilização musical é possível através das vivências musicais em seus mais diversos modos, sejam através dos jogos musicais lúdicos, brincadeira, construção de instrumentos musicais, adaptação das vivências pedagógicas, práticas terapêuticas como o psicodrama, trabalho em grupo, condicionamento e a modelagem comportamental por meio das práticas comportamentais entre outras coisas, as quais exigem o trabalho do pedagogo junto ao psicólogo para que haja o reforçamento das práticas educativas junto ao plano terapêutico e suas técnicas, a correlação entre ambas as áreas faz com que possibilidades sejam para o portador de TDAH e DI.

Neves e Souza (2018) em sua pesquisa, trabalham a intervenção musical com foco nos afetos, enquanto possibilitadora de mudança e potencializadora do saber no Ensino Fundamental II em classes de recuperação intensiva numa escola pública no interior de São Paulo. Trabalhou-se as práticas psicológicas mediadas através da música, como mediadora na transformação das relações, afetividade e expressões do aluno diante do conteúdo pedagógico e o espaço escolar. É notório há séculos o estigma direcionado ao aluno considerado problema, culpabilizando o aluno ao invés de considerar o processo de escolarização em si.

Através do processo de ensino-aprendizagem é possível obter repercussões importantes no processo de desenvolvimento humano. Em específico, é possível através do ensino aproveitar-se da plasticidade cognitiva do indivíduo com TDAH e DI e modelá-la através da estimulação, desenvolvendo e amenizando possíveis défices, além da criação de redes neurais que fortalecerá a criança e ao adolescente. A estimulação é essencial nos primeiros anos de vida da criança, trabalhando desde o início os fatores exógenos e endógenos que modelarão a repercussão do TDAH e o DI.

Como trabalhar com a criança e adolescente portador de TDAH e DI em sala de aula? Para iniciar esse trabalho junto ao indivíduo é importante o conhecimento em torno do déficit, lembrando-se que há variações de indivíduo para indivíduo. O primeiro passo é compreender e conhecer aquele aluno em suas potencialidades e limitações, não o limitando enquanto portador de algum déficit, ou o considerando como um aluno especial, e sim, trabalhando a estimulação junto aos demais alunos, devemos lembrar também que há manifestações sintomáticas e assintomáticas, muitas vezes o indivíduo porta um déficit, porém é desencadeado ou notado num período específico de sua vida; acredito que independentemente de haver um diagnóstico a estimulação precoce na prática de ensino adentra como uma ferramenta a mais que trabalhará a favor do desenvolvimento de todas as crianças.

Após a compreensão da esfera do aluno é importante a adaptação do material pedagógico junto às avaliações, pois cada aluno possuirá diferenciações que complementarão uns aos outros nas construções das relações sociais, assim o modo que serão trabalhadas as relações e suas significações, contribuirá no processo de ensino e do desenvolvimento do educando. A participação dos familiares, junto ao entendimento da

construção desse vínculo irá moldar esse processo, assim quanto mais ativa e participativa a família mais saudável será o desenvolvimento da criança.

4 CONCLUSÃO

A relação entre as práticas pedagógicas e terapêuticos vem tomando forma e mostrando sua eficácia em diversos estudos atuais. O ensino seja presencial ou remotamente exigirá a colaboração de ambos, pois como ensinar sem conhecer seu público e suas histórias, assim a Psicologia adentra o contexto escolar mostrando ao pedagogo formas e soluções para o desenvolvimento de uma relação saudável com o aluno e seu ensino.

As áreas cognitivas relacionadas no desenvolvimento do TDAH e DI e na estimulação musical se equivalem, no sentido de se relacionarem, ou seja, a estimulação musical atinge as áreas afetadas pelo TDAH e DI, de forma que a estimulação pode retardar e possibilitar o desenvolvimento de forma saudável, evitando, possivelmente o comprometimento da conduta moral, social, relacional, comportamental e cognitiva.

A recriação, adaptação do currículo escolar e o acompanhamento ao longo prazo, em ambos os casos, ampliam a ação do educando, por meio da adaptação do dia a dia, planejamento das tarefas, estabelecimento de metas funcionais e principalmente, a repetição, como ferramenta necessária para a consolidação do aprendizado, o que conciliará o saber que está fixado com o atual, equilibrando e desenvolvendo com o tempo as potencialidades do educando, as quais estavam aguardando a estimulação para se consolidar.

O contexto das limitações do portador de TDAH e DI no plano psicodramático pode ser desenvolvido a partir das limitações e potencialidades daquele indivíduo, assim o psicólogo construirá um plano psicodramático ou teatral para que a ação ocorra, ou seja, os alunos subirão no palco vivenciando o "como é" e o "como se" de forma espontânea e criativa, onde esse ambiente estabelecerá um vínculo de autenticidade com o educando, pois será nesse ambiente que ele se colocará de forma real, podendo trabalhar o conhecimento, a impulsividade, desatenção entre outros fatores consequentes do TDAH e DI, assim é possível educar as respostas emocionais, vindas do sistema límbico, além da fixação do conhecimento e mudanças comportamentais.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Mariana; PESTUN, Magda Solange Vanzo. O Modelo RTI como estratégia de prevenção aos transtornos de aprendizagem. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 23, e 205929, 2019.

CARRARO, Patrícia Rossi. **Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem**. SESES: Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Béatrice Reichen Vasconcelos. **A música como experiência: potencialidades da canção no ensino-aprendizagem de francês língua estrangeira**. São Paulo: 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572019000100320&lng=pt. Acesso em 26 ago. 2020.

ERIKSON, ERIK H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três textos que se completam**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto alegre: Artes Médicas, 1995.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. DE A.; MAXIMINO, V. S.; CARVALHO, Y. M. DE. Práticas corporais e artísticas: aprendizagem inventiva e cuidado de si. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 118-126, 31 ago. 2017.

LOPES, Telma Silva Santana; ROSSATO, Maristela. A dimensão subjetiva da queixa de dificuldades de aprendizagem escolar. **Psicol. Esc. Educ. Maringá**, v. 22, n. 2, p. 385-394, ago. 2018.

MACHADO, Adriana Marcondes; Neto, Alfredo José da Veiga; NEVES, Marisa Maria Brito da Justa; SILVA, Marcus Vinicius de Oliveira; PRIETO, Rosângela Gavioli Prieto; RANNA, Wagner; ABENHAIM, Evanir. **Psicologia e direitos humanos: educação inclusiva, direitos humanos na escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MARTINS, Paula do Nascimento. **Efeito da educação musical na promoção das habilidades sociais e escolares em crianças**. São Paulo: Faculdade de Odontologia de Bauru, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MUSZKAT, Mauro; MIRANDA, Mônica Carolina. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**. São Paulo, Cortez, 2012.

NEVES, Maura Assad Pimenta; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Música e psicologia na escola: mobilizando afetos na classe de recuperação. **Psicol. Esc. Educ. Maringá**, v. 22, n. 1, p. 17-25, abr. 2018.

Organização Mundial de Saúde (OMS). Folha informativa – Saúde mental dos adolescentes. Disponível em:
https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso em: 28 out. 2020.

QUEIROZ, Virgínia Coeli Bueno de. **A experiência da aprendizagem remota: quanto tempo demais na tela?** Colégio Loyola: 2020.

SANTOS, D. A. O.; SILVA, V. B. R; LEITE, A. R. S.; BELLARDI, S. Observações psicopedagógicas clínicas para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com crianças com TDAH. **Revista Eletrônica Calafiori**: 2018.

SILVA, Francisca Bonfim de Matos Rodrigues. **A criatividade do pedagogo diante das queixas escolares**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

ZACHARIADIS, Carin Beatriz Carreira. **A canção popular autêntica aplicada ao processo de ensino-aprendizagem da língua alemã como língua estrangeira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

KASTRUP, Virginia. **Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre o acesso de pessoas cegas a museus.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.